

# ACADENICO

jornal catarinense de cultura

ANO V - Nº 45 - JUNHO DE 1979 - FLUMENAU - SC

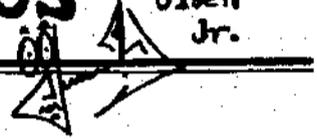




# BARRA PESA DA

## O CHATO QUE LIA Seleções

Ollema  
Olsem  
Jr.



Dois norte-americanos (pai e filho - o filho com sete anos) viajavam pela Rússia num ônibus de turismo, quando o garoto - lá pelas tantas - perguntou:  
- Papai, quantos quilômetros tem a Avenida Gorki?  
- Uns 6 Km - respondeu o pai.  
Andaram mais alguns tempo e o menino perguntou novamente:  
- Papai, quantos metros tem a Praça Vermelha?  
- Deve ter uns 600 metros - respondeu o pai.  
Mais outros minutos se passaram e a criança voltou a perguntar:  
- Papai, qual é a altura do Governo Russo?  
O pai ficou intrigado com aquela pergunta e tentou convencer o garoto de que não era possível saber, por isso a resposta que desse não poderia ser satisfatória.  
- Como posso saber - respondeu, enfim, à contra-gosto o pai.  
Nesse meio tempo, o passageiro que já sentado no banco da frente, respondeu:  
- Tem 1,65 metros  
- Como é que você sabe? indagou desta vez o americano.  
- Bem, começou o outro, eu tenho 1,76 de altura e já estou com o governo por aqui (e apontou para o pescoço - na altura do pomo-de-adaço).  
Eu acabara de narrar essa história (que me haviam contado alguns dias antes) para alguns amigos, quando alguém do grupo afirmou:  
- Essa eu li na Seleções do Mês passado.  
Achei a observação interessante e não liquei mais para o fato.  
Outro dia estávamos discutindo propaganda e outros casos de marketing, (eu na qualidade de ex-redator de publicidade - portanto, bem à vontade no assunto), haviam também, outros profissionais do ramo, inclusive o diretor de uma Agência de Publicidade Local.  
Conversávamos sobre pesquisa de mercado, necessidade de consumo, quando um integrante do grupo jogou para debate a singularidade de certos produtos - (simples) e definitivos e citou o caso do Bom-Bril, do Leite Condensado - elementos difíceis de se fazer concorrência.  
Concordamos, enfim... Pois não havia contestação. E o bate-papo prosseguia com assuntos diferentes e variados, sem aquele compromisso pertinente à defesa acirrada, que caracteriza, às vezes, os argumentos de alguns redatores e contatos de Agências, quando desejam vender uma idéia para um cliente indeciso.  
- Há certa altura, falávamos sobre o raciocínio de combustível - eu estava um tanto desinteressado sobre o assunto - pois não possuía automóvel - quando tive minha atenção despertada por um elemento que interrompeu a conversa para dizer:  
Voltando a falar daqueles produtos, podemos acrescentar ainda, A Coca-Cola...  
Antes que alguém acordasse do assombro, prosseguiu:  
Vocês sabiam que o sujeito que a inventou estava tentado fabricar um

remédio, que o atual dono da patente da Coca-Cola é o terceiro e que os anteriores pobres por investirem tudo com propaganda...  
Todos estavam entreolhando-se sem entenderam.  
- E que a Coca-Cola é a bebida que mais se toma no mundo...  
Nisso, algum corajoso ousou indagar?  
- Como é que você sabe?  
Antes de responder, o sabidão ainda deu mais uma tacada:  
- Seu inventor chamava-se John S. Pemberton... Eu li isso num artigo chamado - A História Singular da Coca-Cola, não lembro o mês e nem o ano, mas tenho certeza de que foi numa Seleções.  
Outra vez - imaginei - esse sujeito é um intrometido... Mas acabei esquecendo o incidente.  
Uma noite, após um dia duro de trabalho, nos reunimos num Barzinho retirado do convívio mundano e do cotidiano insolente e passamos a discutir literatura.



Entre um Chopp e outro, comentávamos a escassez de tempo que tínhamos para a leitura e quase a impossibilidade de se manter uma atividade metódica no que concerne a necessidade de livros para um homem se manter atualizado.  
- Eu - afirmei - procuro usufruir de todos os minutos disponíveis, vou ao banheiro - e isso já é hábito - (como o cafezinho depois do almoço) e leio pelo menos quinze minutos antes de sair de lá, de sorte que, periodicamente, um livro é iniciado e terminado naquele "lugar maravilhoso" - para citar Bertold Brecht.  
- Brecht disse isso - alguém perguntou.  
- E Respondi, Brecht foi o primeiro poeta a deficiar esse "Lugar Maravilhoso" em seu agressivo Elógio à Privada.  
- Eu, dizia outro, não possuo nem tempo para ler e nem, tampouco, dinheiro para comprar livros.  
- Você está certo, sugeriram. Um homem deve ter muita coisa em casa antes de gastar com livros.  
- Porque vocês não fazem como eu - apertei o meu "amigo", eu leio sempre um livro sem fazer muita força, e isso é todo mês...

- Alguém estava distraído, porque teve a invidiosidade de perguntar:  
- O que é que isso tem de mais.  
- Simplesmente - disse o outro - que o livro vem resumido e trazendo as partes mais importantes  
- Como assim?  
- E porque leio na "Seção de Livros Condensados" na Seleções.  
- Aquilo já estava incluso nas minhas previsões e a bem da verdade, o sujeito já estava "famoso", aliás, sua mãe também, porque era sempre lembrada na hora em que ele aparecia.  
Um dia tu "cai do cavalo" com essa maldita Seleções, vociferarei entre-dentes.  
- Não se passaram muitos dias, e estávamos todos reunidos novamente, discutindo - como sempre - o que se nos ocorresse no momento a critério de nossa disposição, quando ele - o chato leitor de Seleções - apareceu...  
- É hoje, pensei - já estávamos de sobreaviso - iríamos pegá-lo quando ele menos esperasse.  
Todos simularam enorme satisfação em rever o dito "amigo", mas ninguém tinha esquecido ainda aquela história dos livros, e nem tampouco, as outras inevitáveis citações daquela revista imperialista.  
Logo que dava uma sobre o rapaz ensaiava um monólogo - e já o interrompiam dizendo para ele esperar a conclusão do assunto - anterior.  
- E o relógio correndo...  
- Aparentemente, estávamos tentando adiar a hora solene e certa da menção do periódico yanques...  
- E os ponteiros avançando...  
- Até algumas blasfêmias (heresias literárias) passaram despercebidas, tal como aquela em que, um gaiato sugeriu que o poeta e dramaturgo inglês William Shakespeare não passava de um testade-ferro...  
Outra, o indivíduo que ousasse - mesmo a título de brincadeira - insinuar essa heresia literária, era sumariamente eliminado do grupo.  
- Outra duas horas se passaram.  
- Mas todos aguardavam - com certa angústia - e nem, tampouco, sem, razão a interferência daquela acionista de uma multinacional de idéias...  
- E o tempo continuava passando...  
- Agora, não importava mais se ele falasse da revista ou qualquer coisa do gênero, o fato é que estávamos cansados da brincadeira e o diálogo estava oteando o ridículo. Mesmo porque, alguns já olhavam com certo ar de piedade para o pretense "réu" sem advogado de defesa (estava a pé e morava longe), e apesar de tudo, era um amigo nosso - chato é verdade - mas todos tínhamos os nossos próprios defeitos e devíamos aprender a suportá-los para ter um convívio mais adequado.  
- E o rapaz - percebendo que as ações da revista estavam caindo na boca do povo - com algum ressentimento acumulado, levantou-se irado e exclamou:  
- "Hoje é o dia de meu aniversário, só pretendo avisá-los de que: EU IA PAGAR A CONTA!"  
E dito isso rápido, lépido, lânguido afastou-se de nossa mesa.

## D. PAULO EVARISTO ARNS O CARDEAL DO POVO

ED. ALFA-OMEGA  
O ESTUDANTE

Paulo Evaristo Arns nasceu na localidade de Forquilha, um lugarejo do município de Criciúma, em Santa Catarina, a 14 de setembro de 1921. Lá viveu até os doze anos de idade e passou a infância "como toda e qualquer criança daquele tempo e daquela terra": ia para a roça, ordenhava as vacas do curral, jogava como beque no time de futebol da família (no qual jogavam também suas irmãs) e fez 6 anos de primário sendo, sempre, o primeiro aluno da classe.  
Ingressou, depois, na ordem dos Franciscanos: fez o Seminário Menor e o Maior, de Filosofia no Paraná. Formou-se em teologia no ano de 1947, dois anos depois de sua ordenação sacerdotal, no Instituto dos Franciscanos de Petrópolis. Nesse mesmo ano viajou para a França, indo estudar letras na Sorbonne. Durante sua passagem por Paris cursou os "Hautes Etudes" e a "Ecole Supérieur de Pedagogie" e escreveu, em francês, A técnica do livro em São Jerônimo, sua tese de doutoramento e o primeiro de quase 30 livros que já publicou.

vor dos presos comuns e políticos, exilados, torturados e perseguidos no Brasil.



### DE PROFESSOR A CARDEAL

De volta ao Brasil em 1953, foi professor do Seminário Menor de Agudos e depois fundou a Cadeira de Língua e Literatura Francesa na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Bauri. Foi em seguida para Petrópolis, onde acumulou quase doze funções diferentes, além da de pastor da Igreja do bairro de Itamarati, a 5 quilômetros do centro da cidade, cercado por favelas no alto de seus sete morros. Al ficou durante dez anos e meio - de 1955 a 1966, quando o Papa Paulo VI o fez bispo e o chamou para trabalhar com o cardeal Agnelo Rossi na arquidiocese de São Paulo.  
Quatro anos e meio depois, quando o mesmo Papa Paulo VI convocou o Cardeal Rossi para o cargo de prefeito da Sagrada Congregação dos Povos, no Vaticano, D. Paulo Evaristo Arns foi nomeado arcebispo de São Paulo. Arcebispo em 1970, chegaria a cardeal em 1973.

### O CARDEAL DO POVO

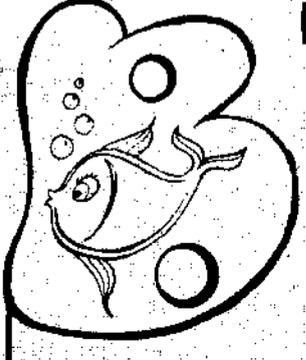
E tem sido justamente a sua atuação em defesa dos Direitos Humanos, das populações das periferias das grandes cidades, dos presos políticos que fez com que D. Paulo Evaristo Arns ganhasse a simpatia generalizada da população e passasse a ser conhecido como "o cardeal do povo". Com esse título carinhoso, ganhou as manchetes dos jornais e é, hoje, um dos nomes mais mencionados nos noticiários da imprensa brasileira.  
A importância do cardeal Arns nos processos de emancipação dos setores menos favorecidos da sociedade, a sua posição firme em defesa dos direitos da pessoa e contra as torturas sistemáticas de presos e, principalmente, a influ-

### A DEFESA DOS PERSEGUIDOS

Desde o início de seu trabalho como bispo-auxiliar da arquidiocese de São Paulo, D. Paulo dedicou suas atenções a um assunto particularmente proibido no Brasil da época: o tratamento dispensado pelo regime brasileiro aos prisioneiros, em especial aos presos políticos. E foi devido a esse esforço em prol dos Direitos Humanos que, muitas vezes, teve de suportar os ataques de diversos governos brasileiros, a censura de suas falas na imprensa e que, ao mesmo tempo, ganhou notoriedade nos noticiários dos jornais europeus e americanos sobre o Brasil.  
E tão importante é, hoje, a figura de D. Paulo no movimento pelos Direitos Humanos no Brasil que o próprio presidente Carter, dos Estados Unidos, presidiu a solenidade em que se conferiu ao cardeal Arns o título de doutor honoris causa da Universidade de Notre Dame, em reconhecimento da sua atuação em fa-

ência profunda de seu trabalho na evolução dos acontecimentos políticos e sociais que hoje se vive no Brasil foram exatamente os motivos que levaram a Editora Alfa-Omega a encomendar aos repórteres Getúlio Bittencourt e Paulo Sérgio Markum a reportagem "D. Paulo Evaristo Arns - O cardeal do povo", matéria que compõe o quarto volume de História Imediata, a série de livros-reportagem da Alfa-Omega sobre a História Recente do Brasil.

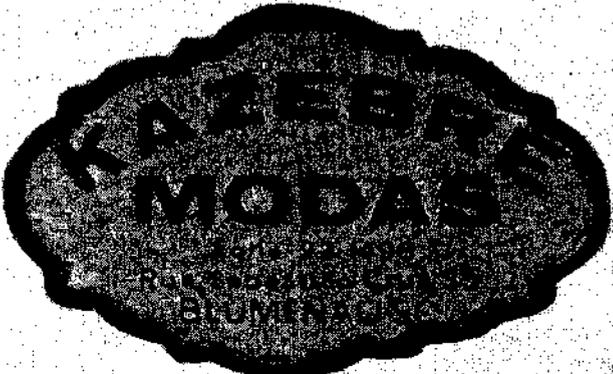
Trata-se de um documento inédito e de maior importância para todos os que se interessam pela atualidade política e social brasileira que traça o perfil do cardeal-arcebispo de São Paulo, de suas lutas, suas opiniões, suas predições, em 80 páginas de depoimentos inéditos e contendo até algumas revelações surpreendentes - como por exemplo a correspondência do presidente norte-americano Jimmy Carter e sua família com D. Paulo ou a história da confissão de um torturador arrependido. A reportagem é ilustrada com mais de 30 fotografias e traz, em apêndice, o primeiro documento da Igreja de São Paulo - contra a tortura sistemática de presos políticos no Brasil, emitido pela Regional Sul-1 da CNBB em 1972, além do "ABC de D. Paulo" - um breve glossário das palavras que o cardeal usa em seus livros, na defesa da dignidade da pessoa humana.



## BLUMENAU MODAS

CHEGUE PERTO DOS ÚLTIMOS LANÇAMENTOS

RUA CURT HERING, 322 - BLUMENAU - SC



## TITO'S CALÇADOS E CONFECÇÕES

Rua Curt Hering - 149 - Centro  
FONE: BLUMENAU FONE:  
22-2361 Santa Catarina 22-2361

ARTES

Por MARCOS BEDIN -CORRESPONDENTE-

## PAULO DE SIQUEIRA: DESTAQUE EM CHAPECÓ

O artista plástico Paulo de Siqueira é considerado pioneiro na pintura e escultura contemporânea no Oeste. Com cinco anos de atividades em Chapecó, se consagrou com razoável sucesso em Santa Catarina onde participou de várias exposições estaduais com boa aceitação popular. Para 1979 anunciou uma série de exposições individuais e coletivas em Chapecó, Joinville, Blumenau e Florianópolis onde apresentará várias dezenas de novos quadros e esculturas. (POR MARCOS BEDIN)

A necessidade de maior valorização, apoio e incentivo aos artistas do Oeste catarinense é a principal queixa que o pintor e escultor Paulo de Siqueira tem com relação às estas atividades culturais numa região onde ingressou pioneiramente em 1968, com a realização da primeira exposição de artes de Chapecó.

De Siqueira pinta desde os sete anos. Sua arte tem visíveis raízes expressionistas e o tema principal de suas telas é a figura humana. Seu estado de espírito se projeta na pintura, dando contornos nítidos a uma arte perfeitamente identificada com o artista.

Criador por convicção ("não tenho outra opção profissional ou de vida"), Paulo de Siqueira acha que o artista ideal tem, além de uma profunda sensibilidade - sua característica maior - uma constante insatisfação espiritual. Por vezes compraz-se admirando uma obra recém-produzida, mas este deleite é fugaz: imediatamente retorna ao estado anterior, insatisfeito e sedento de novas criações. Paulo de Siqueira não crê em artista satisfeito, atribuindo, a estes uma "pseudopersonalidade." Além destes traços peculiares, o artista ideal ressalta-se pelo arrojo, capacidade de vencer obstáculos materiais e pelo choque (sensibilização) que causa nos observadores, quer seja individual ou coletivamente. Inevitavelmente, a partir daí, o artista tende a quebrar alguns tabus e preconceitos sendo, não raramente, mal interpretado na sociedade. Aliás, é sob este aspecto que Paulo de Siqueira faz reclamações. Quando radicou-se efetivamente em Chapecó, no ano de 1972, sentiu com maior intensidade a hostilidade dos setores culturais parz com a arte alienígena. Certamente não teria tido resultados financeiros consideráveis se, em sua bagagem profissional não trouxesse profundos conhecimentos de paisagismo e decoração, do que usufruir, paralelamente, para subsistir.

O artista chapecobense afirma estar atravessando uma fase ecológica, também chamada fase vegetal. Assegura estar recebendo continuamente as vibrações do ambiente o que o possibilita, em consequência, retratar a sua versão particular da realidade, do ambiente, das circunstâncias.

Pode também fazer previsões proféticas através da cosmovisão com que observa o universo, seu e dos outros.

Comumente, De Siqueira não compara o artista com as pessoas normais, não definindo a arte "nem com valores cromáticos, nem com valores materiais".



Paulo de Siqueira em seu Ateliê



O artista em um momento de lazer.

em frente a seda da cooperativa. Na rodoviária municipal de Joaçaba fez um grande trabalho paisagístico.

Na sala de sessões da Câmara Municipal de Chapecó, uma pintura ocupa toda a parede sul abordando os ciclos de desenvolvimento histórico do município e do Oeste desde a sua implantação e colonização, enaltecendo os valores étnicos, sociais e antropológicos que contribuíram para a formação geográfica, política e econômica e o município.

### ESCULTURA

Na escultura tem se destacado. Em ferro, madeira e cerâmica fez bons trabalhos no que qualifica como desenho colocado em formas concretas. Esta atividade tem lhe granjeado muito prestígio. Para a Cooperativa Central Oeste Catarinense, de Chapecó, criou uma escultura em ferro com cinco metros de altura e pesando uma tonelada, numa representação do cooperativismo internacional. A obra esteve exposta na ARS/ARTIS Chapecó/77 e será colocada

### FUTURO

O artista plástico pretende participar de exposições coletivas de catarinenses pelas galerias: Lascaux de Joinville e Ars/Artis de Florianópolis. Em Chapecó e Blumenau promoverá exposições individuais. Para isso vem pintando, desde dezembro, novos quadros. De um total de 30, selecionará vinte para esta finalidade. Ainda para este ano, De Siqueira fará uma escultura em ferro de um índio em posição de combate.

Com seis metros de altura, ela pesará uma tonelada e será instalada no trevo de acesso da BR-282 a Chapecó, dando amostra das origens culturais e antropológicas do povo oesteño.

Em agosto do ano passado, na realização da ARS/ARTIS Chapecó/77, expôs seis quadros e uma escultura. Todos foram vendidos. Em novembro passado, no panorama da arte catarinense, promovida pela Lascaux de Joinville, suas telas apresentaram boa receptividade. Dentro de seu currículo de apresentações constam o Museu de Arte do Rio Grande do Sul (Porto Alegre) e galerias de Passo Fundo, onde viveu grande parte de sua vida.

### MERCADO

O mercado para a arte no Oeste é relativamente restrito. O artista repudiou a comercialização de estampas em escala comercial e industrial e o artesanato barato, pseudobarroco e pseudo-expressionista que prejudica os artistas sérios, conscienciosos e esforçados. Defendeu a importância de cada família ter ao menos uma obra artística de real valor. Para a realização da arte - asseverou - as pessoas deveriam ler mais, estudar e comentar com os próprios artistas o assunto abandonando os velhos e falsos obstáculos que amiúde afastam o público do artista, dando a este características metafísicas.

Exemplificando, citou Assis, Rodrigo de Haro, Juarez Machado, Meyer Filho, Eike Hering, Dimar Rosa e Alberto Luz, como artistas que seguem as linhas gerais de seu expressionismo e conseguem conotações repercutivas junto às camadas populares.

Gaúcho de Soledade, Paulo de Siqueira admite ter recebido influências de Chico Stokinger e Vasco Prado (coetâneos), admirando com especial ardor Picasso, Toulouse Lautrec e Van Gogh. Os muralistas mexicanos Orzoco, Diego de Oliveira e Oscar Cococsa se constituem em discretas paixões do artista.

### DESBRAVADOR

Paulo de Siqueira considera ter desbravado os caminhos para a maciça penetração de cultura no Oeste catarinense. Sua arte, a princípio incompreendida ou rejeitada, passou a receber aplausos dos chapecobenses que o consideram hodiernamente, ao lado de Agostinho Duarte, Antônio Chiarello e Elvo Damo feste, voltado para um esquema essencialmente paranaense de pintura na condição de representante exponencial da jovem comunidade cultural da região.

Em seu ateliê na avenida Getúlio Vargas esquina com a Barão do Rio Branco, o pintor trabalha diuturnamente. Além de decorador e paisagista é também programador da Secretaria Municipal e Urbanismo e Meio Ambiente. Para quem a pintura representa furacões espirituais colocados em limites estéticos (telas), De Siqueira reafirmou sua convicção em desenvolver intensas atividades durante este ano, pintando e esculpindo, mas ainda com uma briga que resolveu não fraquejar: incutir na população maior senso de respeito para com a classe de artistas - "o termômetro do crescimento cultural de uma nação" - exigindo, em decorrência, o reconhecimento da responsabilidade histórica que merece.

## TEM MULHER NISSO

JOSÉ ENDOENÇA MARTINS

Se o Ano Internacional da Mulher comemorado em 1975 mudou completamente o dia-a-dia de muitas mulheres brasileiras, todavia não chegou a contagiar a maior parte delas que, ou não tiveram conhecimento do evento ou não quiseram encará-lo como um marco importante para uma tomada de posição mais crítica, mais consciente e mais política. Por isso os sindicatos de classes continuam ainda, na sua quase totalidade, ignorando a figura da mulher, impedindo a participação do elemento feminino nas suas diretorias e não facilitando a organização de departamentos femininos dentro dos próprios sindicatos. Esta omissão de diretorias machistas nos sindicatos além de impedir o fortalecimento de uma verdadeira força de pressão que todo sindicato atuante deve possuir, enfraquece substancialmente a vida sindical porque os departamentos femininos lutarão não só para oferecer soluções aos problemas femininos, mas também atuarão juntos aos companheiros pelas reivindicações comuns.

Por outro lado, o Ano Internacional da Mulher, a partir das suas posições e decisões, aproximou muitas das mulheres mais preocupadas com a própria situação de descaço, reunindo em grupos femininos e feministas para lutar por objetivos comuns. E assim, denunciando a nossa sociedade opressora e discriminativa que não parece a propensa a conceder à mulher os mesmos privilégios que concede ao homem, estes grupos femininos e feministas devem procurar, a força de suas parcas possibilidades, criar os instrumentos mais eficazes capazes de diminuir o abismo que persiste entre a mulher e o homem no seio da sociedade brasileira.

Atualmente estes grupos configuram um painel dinâmico, resultado da real capacidade aglutinadora da mulher brasileira, onde convivem, com quase idêntica gama de problemas, insatisfações e necessidades, a dona-de-casa, a empregada doméstica, a artista, a professora, a advogada, a política. O resultado mais palpável desta movimentação toda é o aparecimento, cada vez maior, de novos grupos pelo Brasil e o jornal "A Folha de São Paulo" em recente reportagem do seu semanário "Folhetim", sob o título "A Mulher e a Política" relacionou 12 dos mais importantes grupos femininos e feministas. Todos eles se destacam basicamente em dois pontos nevrálgicos. Um, a conscientização da mulher-membro para a sua realidade de dificuldade e submissão; o outro, a reivindicação de melhores condições de vida para a mulher em geral. São eles: Associação das Donas de Casa; "Centro da Mulher Brasileira"; "Grupo Pró-Mulher"; "Clube das Mães"; "Centro de Desenvolvimento da Mulher Brasileira"; "Comissão de Mães em Defesa dos Direitos Humanos"; "Sociedade Brasil-Mulher"; "Movimento Feminino do MDB"; "Movimento Feminino pela Anistia"; "Associação das Mulheres"; "Grupo Nós Mulheres"; "Movimento Contra a Carestia".

Nestes, aglomerados nos grandes centros urbanos, as mulheres fazem de tudo, reivindicando salários mais justos, trabalho, creches, pela anistia a presos políticos, contra o custo de vida, denunciando as condições precárias em que está mergulhada a nossa sociedade, fazendo política.

O mesmo "Folhetim" divulga a pesquisa da socióloga Eva Alterman Blay que, segundo a mesma, o Brasil teve, de 1972 a 1976, 59 prefeituras eleitas principalmente no Nordeste. Na última eleição algumas mulheres conseguiram grandes resultados nas urnas, ocupando cadeiras nas Assembleias Estaduais, Câmara Federal e Senado, com Eunice Michilis se tornando a primeira senadora do Brasil. Todavia, apesar da movimentação constante dos grupos femininos e feministas, a conclusão a que se chega sobre a atuação da mulher em cargos políticos ou posições de destaque e decisão em órgãos públicos ou empresas privadas não é muito satisfatória. Muito ainda a mulher brasileira precisa lutar para conseguir grandes vitórias. E isto ela só logrará alcançar se se organizar numa campanha maciça, consciente, constante, criando possibilidades e opções para uma atuação em pé de igualdade ao homem, derrubando, por conseguinte, todas as barreiras machistas e prepotentes que ainda persistem, os maiores obstáculos para o sucesso da mulher brasileira.

TECNOSUL

ENGENHARIA E ADMINISTRAÇÃO INDUSTRIAL LTDA.

CONSULTORIA INDUSTRIAL  
DE ALTO NÍVEL

RUA XV DE NOVEMBRO, 1336 - ED. BRASÍLIA - CJ. 125  
FONE: 22-4058 BLUMENAU - SC.

Moda Jovem

SACO

BLUMENAU - SC.

MODA JOVEM  
LEVIS - LEE

AO LADO DA  
HABITASUL

ITB

INSTITUTO TÉCNICO  
BLUMENAUENSE

CURSOS: Decoração, Des. arquitetônico  
Des. de máquinas, Des. artístico e publicitário,  
Des. de perspectivas, Des. de instalações prediais.

RUA XV DE NOVEMBRO, 1336 - CONJ. 65  
ED. BRASÍLIA FONE: 22-5681

# 3ª SEMANA DE ESTUDOS CRIMINAIS

Numa promoção da Faculdade de Direito de Blumenau, através de seu Departamento de Ciências Criminais e do Diretório Acadêmico Clóvis Bevilaqua, estará sendo realizada nesta cidade, no período de 7 a 11 de agosto a 3ª Semana de Estudos Criminais. O conclave, que vem despertando o interesse de estudantes e advogados terá por local o Teatro Carlos Gomes.

Esta Semana de Estudos Criminais constitui-se de um breve curso de extensão universitária, com palestras proferidas por especialistas no assunto propiciando aos profissionais participantes a oportunidade de aperfeiçoar e atualizar seus conhecimentos jurídicos.

Segundo o Professor João José Leal, Coordenador do Departamento de Ciências Criminais é um dos organizadores do conclave, "A Semana de Estudos, demonstra a preocupação da FURB, através de seus setores, em propiciar a profissionais liberais da área jurídica condições de aperfeiçoamento e de atualização constante.

## CONFERENCISTAS

Dia 7, a palestra de abertura estará a cargo do Professor Roberto Lyra Filho que discorrerá sobre "Criminologia e Direito Criminal: Separação e Reencontro.

Já, dia 8 o tema abordado será "Modelos Tradicionais da Doutrina Jurídico-Penal; Como Superá-los?". O conferencista, Roberto Lyra, é Professor da Universidade de Brasília, e titular de Criminologia e Filosofia do Direito. Além disto é professor visitante de diversas universidades brasileiras e estrangeiras e possui importantes obras publicas.



## "O CRIME DO COLARINHO BRANCO

A 3ª conferência marcada para o dia 9 às 19:30, tem como tema o Direito Penal Econômico, quando serão enfocados aspectos importantes da delinquência financeira. "As grandes

falências, que levam a comunidade e o Estado, as fraudes vultuosas na administração de empresas e nas grandes operações financeiras, a sonegação de impostos e dos encargos sociais, em resumo: os crimes do colarinho branco (White collar criminal), que constituem ações imorais e anti-sociais mas que não são objeto de processo

criminal, é que constituir-se-ão do tema desta palestra. O conferencista convidado é o ex-senador da República pelo Paraná, Accioly Filho, Professor da Faculdade de Direito de Curitiba

## DIREITOS HUMANOS

"Direitos Humanos e Justiça Criminal" é o tema da conferência do dia 10. O conferencista, Hélio Pereira Bicudo, procurador da Justiça do Estado de São Paulo, professor universitário, autor do Best Seller "Meu Depoimento sobre o Esquadrão da Morte". Bicudo tem se destacado pelo seu trabalho em favor dos direitos humanos.

Foi ele quem teve a coragem de iniciar as investigações sobre o Esquadrão da Morte em São Paulo e de processar alguns membros, que hoje encontram-se cumprindo pena em diversas penitenciárias.

## UM MÉDICO ESCRITOR

"Aspectos Médico-Legais da Transsexualidade" será o tema da quinta e última conferência. Está, a cargo do Professor Holdemar de Menezes da UFSC. Professor da Faculdade de Medicina, escritor, de sucesso com diversas obras publicadas com sucesso e membro da Academia Catarinense de Letras, Holdemar de Menezes vem desenvolvendo importante trabalho no campo da Medicina Legal.

## FINAL

É propósito dos organizadores, realizar uma grande confraternização no final do conclave, talvez um almoço dia 11 data em que se comemora a fundação dos cursos jurídicos no Brasil.

Para o Professor José Leal a 3ª Semana de Estudos C. assume papel muito importante no que diz respeito ao desenvolvimento do estudo das ciências criminais em nossa região. "Estudar os fatores determinantes da atual delinquência, com base em experiências, pesquisas e opiniões de especialistas no assunto é o objetivo principal da Semana".

Diante da relevância deste conclave, seus organizadores Prof. Arlindo Bernart, diretor da Faculdade de Direito de Blumenau, J.J. Leal, coordenador do Departamento de Ciências Criminais e a Presidente do Diretório Acadêmico Clóvis Bevilaqua, Beatriz Niemeyer, esperam um grande número de participantes. Inscrições podem ser efetuadas junto à secretaria da Faculdade - Fone 22-4500 - ramal 45.



*nô-ella  
boutique*

Rua Paul Hering, 90  
Ed. Kennedy - 80 Sobrelaje  
Fone: 22-0937 - Blumenau - SC

**Ninha  
flor**

Floricultura

BOUQUETS, CÔRÔAS, GOLBEILES, FOLHAGENS,  
DECORAÇÕES EM IGREJAS, CLUBES, RESIDÊNCIAS, ETC.

Atendemos em qualquer horário, também por telefone e  
entregamos em sua residência.

Rua Dr. Luiz de Freitas Meiro N° 387 - Centro - Fone 22-5237

**LOJAS LINHAS LTDA.**



ESPECIALIZADA EM LINHA (DE  
TODOS OS TIPOS) E BORDADOS.

ARTIGOS PARA PRESENTES

Rua 7 de Setembro, 971  
89100-BLUMENAU - SC.

Telefone 22-1951  
Cabeleleira 2225

## ENTREVISTA EXCLUSIVA



### CURRÍCULO

- Curso sobre marionetes  
Universidade de Minas Gerais  
Grupo Vira Lata - Professor Alvaro  
Apocalypse
- CURSO SOBRE TATRO INFANTIL  
Escola Nacional de Artes  
Rio de Janeiro - Professor Ilo Krugli
- Curso sobre Folclore Catarinense

Professor Jorge Preiss  
Teatro Carlos Gomes - Blumenau

- Curso sobre direção teatral  
Serviço Social do Comércio -  
Curitiba - Professora Luciana Cherubin

- Curso sobre Expressão Corporal  
Teatro Carlos Gomes - Blumenau  
Professora Ligia Calage - RS

- Curso sobre História da Arte  
Professor Jorge Hartke  
Fundação Educacional da Região de  
Blumenau

- Curso sobre Artes Plásticas  
Escola de Arte de Blumenau  
Professora Dirce Fistarol

- Curso sobre Literatura Brasileira  
Colégio Santo Antônio  
Professor Gervásio Luz

- Curso sobre Ritmo e Música  
Professora Noemi Kellermann  
Escola Superior de Música de Blumenau

- Curso sobre Interpretação  
Professores Bertha Zimmel e Volnei de  
Assis  
Teatro Carlos Gomes - Blumenau.

*o grupo é profissional  
de carteira assinada  
sindicalizado,  
todos sindicalizados.*

MOOO — Jardim, faz um rápido histórico do grupo Vira Lata.

CJ — Bom, o Vira Lata começou em setenta e seis como Vira-Lata, depois do curso em Belo Horizonte. Começou em setenta e seis, aí nós montamos o Maria Minhoca, e fizemos uma experiência em vinte cidades. Tudo bem. Daí, em setenta e sete, (em setenta e seis, nós éramos em oito), em setenta e sete nós fomos para, doze, em setenta e oito, nós fomos para quatorze, com todas as pessoas fazendo teatro no Vira-Lata, e montamos em setenta e sete, o Rápido da Cebolinha, e setenta e oito, A Revolta dos Brinquedos.

Mas, quer dizer, nós conseguimos sobreviver exclusivamente de teatro, durante dois anos.

MOOO — Como é que o grupo se mantém?

CJ — De bilheteria.

MOOO — Só de bilheteria?

CJ — Só bilheteria. O grupo é profissional de carteira assinada, sindicalizado, todos sindicalizados, e se mantém exclusivamente de bilheteria. Nós ganhamos uma verba da Prefeitura, em troca de espetáculos, e do governo, em troca de espetáculo também.

MOOO — Vocês fazem o espetáculo, ganham a verba...

CJ — Não, nós fizemos um projeto para promovê-lo, pra fazer sessenta municípios, e ganhamos sessenta mil cruzeiros.

Quer dizer, é uma ajuda que não paga nem a gasolina, mas é uma ajuda que dá para o grupo sobreviver.

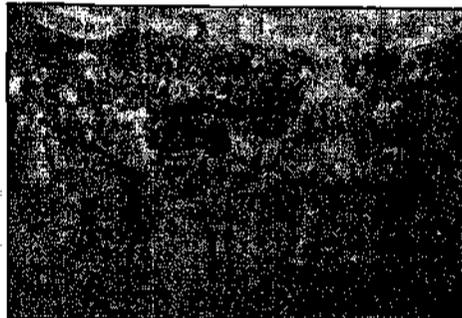
MOOO — Bem Jardim, mas agora, parece que o grupo está em crise, não?

O que é que está havendo?

CJ — Olha, o grupo agora está em crise porque nós... já começamos com um problema muito grande em setenta e sete, quando nós perdemos uma Kombi. Nós, sem noção assim, administrativa do trabalho, nós não tínhamos os carros no seguro. E a Kombi pegou fogo na estrada, quando estávamos no Oeste... e simplesmente perdemos a Kombi, com setenta mil cruzeiros porque foi a Kombi, e alguma coisa do material, também se perdeu... aí nós começamos a enfrentar a crise, nós não conseguimos mais recuperar aquilo, então, isso foi creacendo.

*nós eliminamos oito  
pessoas... eles vão  
trabalhar em outra  
parte, vão trabalhar  
em outras empresas,  
ou qualquer coisa assim.*

Depois, o grupo com os novos salários, o grupo precisava arrecadar mais, para pagar o pessoal. Então não havia mais condições para pagar os treze, então nós eliminamos oito pessoas, ficamos em cinco, vamos montar um texto menor, os cinco vão continuar sendo de caráter profissional, e os outros oito vão trabalhar em outra parte, vão trabalhar em outras empresas, ou qualquer coisa assim, e vão fazer teatro amador. Enquanto não houver possibilidade de se manter os treze, foi a fórmula melhor que



nós encontramos...

MOOO — E como o teatro amador, vão fazer espetáculos somente aqui em Blumenau...

CJ — Em Blumenau, Gaspar, cidades vizinhas, aqui no Vale do Itajaí, porque com o pessoal amador não dá pra sair além do sábado e domingo, porque eles tem compromissos. Agora, com o profissional, continuamos viajando.

MOOO — Bem, sobre a última apresentação da Revolta dos Brinquedos...

CJ — É, nós encerramos A Revolta dos Brinquedos...

MOOO — Porque você relançou a peça?

CJ — Bom, um dos motivos, é porque nós precisávamos de dinheiro. Um dos motivos, é porque nós precisávamos da bilheteria. E o outro, uma tradição do grupo, de a gente sempre enterrar a peça, sempre em Blumenau. Nós estreamos em Blumenau, e enterramos sempre a peça em Blumenau. Isso aconteceu com todos os nossos espetáculos.

MOOO — E todos eles foram fracassos?

CJ — É, a segunda apresentação é sempre bem mais fraca, mas nós tivemos um público de ingressos vendidos, nós tivemos mil e duzentos ingressos vendidos...

MOOO — Então você não queimou um público, aqui em Blumenau com essa apresentação?

CJ — Não, absolutamente, porque na primeira vez nós atingimos três mil crianças, e na segunda vez, uma base de mil e duzentas, quer dizer, quase cinquenta por cento da estréia. Isso são cinquenta por cento de crianças que já viram, e cinquenta por cento de crianças que não puderam vir. Que foram entusiasmadas na escola, e não puderam vir. Agora se fizessemos um trabalho maior, se não fosse o período de férias, porque as crianças já estavam praticamente em férias... se nós fizessemos um trabalho maior de divulgação nas escolas, com a imprensa mesmo, com a própria televisão

fizemos um trabalho bem pequeno, vocês deram uma cobertura, fizeram uma chamada, mas ficou restrito aquilo, não houve grandes alardes em torno do espetáculo. Então nós fazemos mais assim para encerrar o espetáculo, enterro da peça, e por preclar da receita, que nos ajuda muito.

*sempre foi considerado,  
primeira coisa, pagar o  
pessoal.*

*quinze cruzeiros pelo  
ingresso, é menos de  
um por cento do  
salário mínimo... e  
ainda atingimos um  
mínimo de crianças.*

MOOO — E agora, o que você estão planejando.

CJ — Nós estamos montando. A Sapateirinha e pretendemos fazer a estréia da peça em Itajaí. Porque Blumenau, fazer estréia em agosto, fica muito pesado, fica muito espetáculo infantil seguido. Então estreamos em Itajaí, e voltamos a Blumenau com essa peça, na semana da criança.

MOOO — E esse teu trabalho, Jardim, como é que está tendo assim repercussão fora, e aqui mesmo em Blumenau... você não consegue mais apoio aqui na cidade, além da Prefeitura, porque vocês já reduziram o pessoal, mas é uma pena, não? Porque doa que estavam no Vira Lata, todas gostavam de estar no Vira Lata.

CJ — Foi uma pena, e é assim uma ferida que a gente não gosta nem de tocar muito, porque realmente o Vira Lata eu, e cada vez que falo nisso me sinto emocionado, porque a gente criou o Vira Lata. É como um filho assim, que a gente criou e tem que mandar embora, entende mas não há condições. Simplesmente não há condições. Nós fizemos uma viagem para o Sul, que era a nossa última esperança, né. De com a viagem pro Sul, conseguir fazer as cidades, e recuperar o que nós tínhamos de vida e pagar o pessoal, porque o nosso pessoal sempre recebeu em ordem, sempre foi considerado sagrado, primeira coisa a pagar o pessoal. Então nossos credores atrasava sempre, uma trinta dias, em função do teatro, o pessoal ponderava e mil facilidades que tínhamos assim, em fun-

*nós vemos que muita criança  
vai para a porta do teatro,  
e fica na porta do teatro  
sem dinheiro para entrar.*

ção do nosso trabalho Sul e não tivemos... meira semana... não... lhando todo dia; faz... Quer dizer, cansativo e fizemos sessenta e... dizer o grupo trabalh... tou muito frio e mu... lizmente, a criança... ao teatro. É uma rea...

*nós não...  
porque...  
habitua...  
teatro, por...  
assistimos*

não tem dinheiro. El... tro. Porque essa histó... gosta de teatro, é m... eu trabalho no cam... teatro...

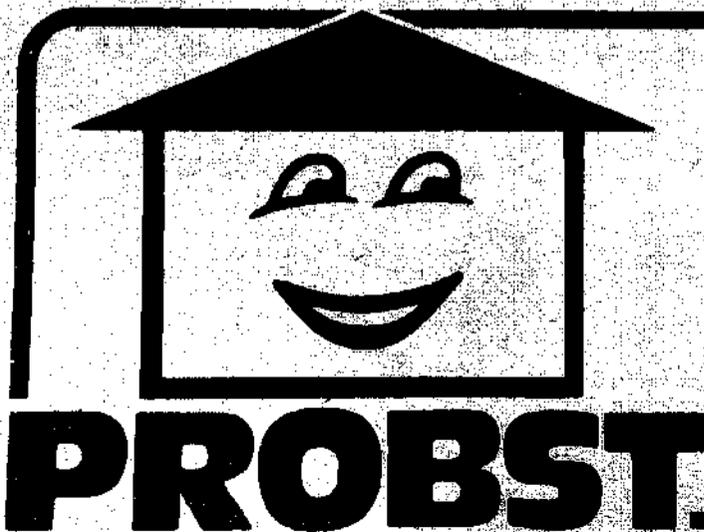
MOOO — Mas não... CJ — O povo não... tem dinheiro. Então...

cobra quinze cruzei... um preço irrisório... cento do salário mí... mínimo de crianças... dez, você atinge... acontece que a recei... treze pessoas, o gru... de, a gasolina... três carros... função da bilheteria...

Porque se nós... recebendo de Carlos... Vira-Lata, três do... ra, aí nós poderíamos... treze, e o grupo con... É uma pena, porque... cultural que... existe no Bra...

MOOO — Então... te que atribuem a... val, isso é conversa... ao dinheiro, ao poder...

CJ — É ao pote... nós vemos que muita... teatro, e fica na po... ro para entrar, elas... de entrar, mas não... para entrar. E a ge... vel para essas coisa... e vai deixando entr... zer, né. E vai de... na bilheteria, e vai... dentro e vai ver... zeiros. Quando nós... mlr em hotel simpl... dizer, é muito mais... por aqui, ficar... um grupo nas fábri... mais simples e... dá ao luxo de ter... fazer trabalho cultu... dormimos em hotel... e um só banheiro... do. A tarde nós... tar, e tomávamos...



**NA ALEGRE  
JARAQUÁ DO SUL,  
NÃO PODIA FALTAR  
O SORRISO DO PROBST.**

# OS DORMIMOS:

# "PARA OS INTERESSADOS, O VIRA-LATA, NÃO VAI MORRER"

...DESSAS, ALGUÉM MISTERIOSAMENTE ME PERGUNTOU SE  
...A O QUE ESTAVA ACONTECENDO COM O JARDIM (DIRETOR DO  
...VIRA-LATA, EM BLUMENAU), E COM O PRÓPRIO GRUPO.  
...SSE, QUE SABIA QUE O GRUPO ESTAVA COM ALGUMAS CRISES,  
...TITA GENTE BOA ESTAVA DESISTINDO, OUTROS ESTAVAM  
...DESISTIDOS". E O PAPO TERMINOU ASSIM, MEIO, MEIO...  
...PESSOA AINDA RECOMENDANDO. É, MAIS O JARDIM TAMBÉM  
...M POUCO SUMIDO, EU ACHO QUE TEM COISA AÍ.  
...SENDO VELHA AMIGA DO JARDIM, MAS SENDO AMIGA DELE E

ADMIRANDO O TRABALHO QUE ELE, JÁ FEZ AQUI EM BLUMENAU E DE-  
SENVOLVEU POR TODO O ESTADO, PRINCIPALMENTE ANO PASSADO,  
FUI BATER UM PAPO COM ELE. E TERMINOU NISSO, UM TREMENDO  
BALANÇO ORÇAMENTÁRIO, DE UM CARO MUITO REALISTA, LUTANDO  
CONTRA A PROGRESSÃO DE NÚMEROS E CIFRÕES, E SOBREVIVENDO...  
APESAR DE TODA A PICHÇÃO QUE ESTÃO QUERENDO JOGAR PRÁ  
CIMA DELE.

MARIA ODETE O. OLSEN

Bom, aí nós fomos para o  
...no Sul, porque na pri-  
...amos três semanas traba-  
...ndo três meses por dia.  
...foram vinte e um dias,  
...poucos espetáculos. Quer  
...ou bastante, mas enfren-  
...a chuva. E depois...infe-  
...do tem dinheiro para ir  
...idade nacional, a criança

...mos, ao teatro,  
...nós fomos  
...a ir ao  
...ue nós  
...futebol.

...tem vontade de ir ao tea-  
...de dizer que o povo não  
...ntira. Eu digo isso porque  
...o, o povo gosta muito de

...tem dinheiro...  
...vai ao teatro, porque não  
...você vai numa cidade e  
...os pelo ingresso, que é  
...que é menos de um por  
...ano, e ainda atingindo um  
...porque, se você cobrar  
...pouquinho mais...mas  
...é pequena, em função das  
...tem uma despesa gran-  
...lta...nós viajamos em  
...isso...muito caro, em

...veassemos, três Vira-Latas  
...Gomes, três recebiam do  
...verno e três da Prefeitura  
...pa ter doze vira-latas ou  
...inuaría a fazer o trabalho.  
...realmente é um trabalho  
...muito caro, coisa que não

...ocorre dita que esta eli-  
...ato, de que o povo não  
...o teatro está ligado, mesmo  
...econômico...

...econômico. A criança...  
...criança vai para porta do  
...ta do teatro sem dinhei-  
...está morrando de vontade  
...entra. Não tem dinheiro  
...que é artista, é sensí-  
...a gente fica com pena,  
...porque...o que se vai fa-  
...ano entrar, mas...chama  
...quele monte de criança lá  
...de mil e quinhentos cru-  
...estamos isso só para dor-  
...comendo sortido. Quer  
...facha a gente se acomodar  
...em Blumenau. Ensaia-  
...ai, fazendo um trabalho  
...ta, quer dizer a fábrica se  
...grupo de teatro, do que  
...da massa, porque nós já  
...pode haviam vinte quartos  
...comíamos sempre sorti-  
...antávamos, para não que-  
...de garrafa, porque nós

não podíamos gastar e o grupo era conscien-  
te desse trabalho. Não havia o mínimo esno-  
bismo de dizer ficar nos melhores hotéis, isso  
nunca, porque não haviam recursos. Mas chega-  
va no fim da viagem, ficava-se vinte dias fora,  
se arrecadava com mil cruzeiros, que era recai-  
ta boa, um bom número, mas a despesa era de  
cento e setenta.

MOOO — E tem uma saída, podia haver uma  
saída para isto...para este tipo de problema, uma  
vez que não acho que vocês sejam os únicos  
que se defrontam com esse tipo de problema,  
em termos de teatro, ou...?

CJ — Não, o problema é de ordem nacio-  
nal, mas acontece...

MOOO — Mas aqui, em nossa região, não  
haveria uma solução, não é ela uma das regiões  
mais ricas do País?

CJ — Eu acho que há uma solução, e as pes-  
soas gostam de teatro, como já disse. E volto  
a dizer, as pessoas gostam muito de teatro. O  
problema, para manter um grupo assim, eu acho  
que não seria interessante, por exemplo, eu não  
precisava nem de verba, entende. Eu não preci-  
saria nem de verba, nós não precisaríamos nem  
de verba do governo...porque nós chegamos  
aqui...nós ano passado, fizemos um trabalho com  
as escolas em Blumenau, um trabalho muito  
bom, onde todas as crianças vieram para o tea-  
tro, quando falamos ao diretor de Cultura, fi-  
cou mais difícil, por causa de uma série de ou-  
tras promoções...

**nós já dormimos em  
hotel, onde haviam  
vinte quartos e um só  
banheiro, e comíamos  
sempre sortido.**

O que as pessoas acham, é que a gente ganha  
muito dinheiro...todo mundo tem a impressão  
que o teatro infantil dá muito dinheiro, porque  
chegam aqui no teatro Carlos Gomes...e tá lo-  
tado...tem mil e quinhentas crianças, quando  
ninguém lembra que aquelas mil e quinhentas  
crianças, pagaram dez cruzeiros.

E mil e quinhentas crianças, a dez cruzeiros,  
corresponde a quinze mil cruzeiros. E quinze  
mil cruzeiros para dividir em treze pessoas pa-  
ra sobreviver, comprar material e pagar a gaso-  
lina e manter os carros, não é nada. É uma co-  
isa que se avoluma.

MOOO — Então?

CJ — Então eu só acho assim, que as prefel-  
turas, devem incentivar as idas dos grupos para  
as cidades, e não dar nada para os grupos. Eu  
não acho que devam dar diretamente, dar di-  
nheiro, ou comprar os espetáculos, fazer os espe-  
táculos cobrados, isso não. Porque daí gera pa-  
ternalismo. Porque daí a criança acostuma, acha  
que o teatro é grátis, e não vai. Eu acho que a  
prefeitura deve ajudar a criança que tem vanta-  
de de ir ao teatro. Olha, nós fomos a uma cida-  
de...eu nem me lembro o nome agora, onde o  
Lion fez um bom trabalho. Eles ficaram na por-  
ta do teatro, o pessoal do Lion...as crianças que  
vinham para o teatro, e não tinham dinheiro  
para pagar, eles pagavam. Quer dizer, não ge-  
rou paternalismo; e evitou que as crianças pu-  
tassem janela, furassem fila, aquelas coisas que  
elas gostam de fazer. Tem prefeituras que  
compra, compra o espetáculo, paga xis pelo  
espetáculo, e faz as crianças irem de graça. Não

educam, não levam a nada, não funciona, com-  
provadamente, não funciona. Nem que fosse um  
ou dois cruzeiros...mas, para a criança sentir  
que custa alguma coisa. A criança acha que se  
é de graça, não tem valor, ela vai lá, começa  
a gritar no meio do espetáculo, ela não se in-  
teressa... porque prá ela, não tá com nada. Aga-  
ra se a criança pagar o teatro, se a criança for  
educada nesse sentido...nós atingimos no Esta-  
do, com mil crianças por ano. Agora, nós não  
nunca pensamos em termos comerciais, em  
procurar patrocinador, porque a gente era  
tipo, entende, a gente nem sabe muito bem  
esse negócio de...

MOOO — Mas não seria uma forma de man-  
ter o grupo?

CJ — Então nós, agora estamos procura-  
ndo uma agência de publicidade em Blumenau,  
para desenvolver esse trabalho, porque nós ven-  
demos uma imagem para trezentas mil crian-  
ças, através de um teatro, e pode ser que eles  
conseguam colocar a criança que...tome toddy,  
tome coca-cola, ajude a funcionar. Que na rea-  
lidade é uma pena. Porque isso tinha que partir  
do próprio povo, do próprio diretor, de incen-  
tivos do governo. Nós não vamos ao teatro,  
porque nós não fomos habituados a ir ao tea-  
tro. Porque nós assistimos futebol. Porque a nos-  
sa rua sempre tinha um timinho de futebol.  
Então o teatro assim ficou. Ou a gente chega  
no local e passar por vendedor de livro, até  
que mostra o trabalho, ou então a gente en-  
tra num esquema assim de não absorver o tea-  
tro, e joga a interrogação. Daí, você vai, você  
mostra o teu trabalho...acabou o espetáculo,  
você vai conversar com as crianças, quem é o  
autor, porque ele tem esse nome, ou o pseudôni-  
mo que ele usa, ou os trabalhos que...já fez,  
aonde ele mora, que ele já foi um brasileiro,  
já foi criança, você mostra o teu trabalho, pro-  
curar fazer com que alguém lá escreva alguma  
coisa mais tarde, que comecem a aparecer artis-  
tas e valores culturais, daí então as professoras  
começam a achar que melhorou, mas elas pró-  
prias não tem culpa, porque elas nunca assis-  
tiram a um teatro.

MOOO — É isso, ali que eu queria chegar.  
Como a classe dos professores está recebendo,  
recebeu o grupo de vocês, ou nem tomaram co-  
nhecimento.

CJ — Não. Em muitos lugares assim, exis-  
te hospitalidade, professoras interessadas, mas  
grande número das professoras, e eu não sei se  
seria exagerado em dizer que sessenta por  
cento das professoras, nunca assistiram a uma  
peça teatral. Elas nunca foram motivadas. Quan-  
to a gente encontra na comunidade uma pessoa  
que sente alguma coisa por teatro, o trabalho é  
mais fácil. Mas a gente chega em lugares, que é  
uma verdadeira parada, entende.

**a criança tem de pagar  
para sentir que vale  
alguma coisa. senão ela  
vai ao teatro, começa a  
gritar no meio do espe-  
táculo, não se interessa.**

MOOO — E, especificamente em Blumenau?

CJ — Não, Blumenau é uma cidade aber-  
ta para isso. Em Blumenau nós atingimos vinte  
mil crianças. Vinte mil crianças foram inicia-

das em teatro, anualmente. E se nós conseguirmos  
através da Prefeitura, fazer as escolas de  
novo aqui, nós então vamos ter mais vinte mil,  
quer dizer, isso feito durante cinco anos, vai des-  
pertar nas pessoas e nas crianças que serão os  
adultos de amanhã, o gosto pelo teatro. E é  
comprovado que o teatro, é a porta de todas as  
artes. Quem não tem criatividade pelo teatro,  
(iniciação de qualquer arte) nunca será um pin-  
tor, nunca será um músico, nunca será nada.

MOOO — Mas por enquanto a opção de vo-  
cês, está sendo assim, bem restrita, com todas  
essas crises. Vai ser fábrica...

**eu não vou entregar  
a batalha assim  
fácil, não. eu vou lutar  
até a última hora**

CJ — Estamos fazendo fábrica. Com o grupo  
amador, nós vamos continuar. Nós não vamos  
desistir, entende. Porque eu, eu faço teatro aqui  
há três anos. Três anos eu trabalho pelo teatro.  
E, eu não vou entregar a batalha assim fácil,  
não. Eu vou lutar até a última hora. O grupo  
profissional vai continuar, vai montar peça  
menor em elenco. Nós tínhamos uma equipa de  
promotores de primeira linha. Os nossos promo-  
tores foram fazer um fantoche em todas as sa-  
lias de aula. As crianças adoravam e nunca ti-  
nham visto uma aula de fantoche, os professo-  
res nunca deram uma aula através de fantoche,  
nunca! O professor não sabe mexer com o fan-  
toche, não tem a mínima habilidade para mexer  
com o fantoche. Parece incrível, mas é a pura  
verdade. O professor não sabe. Bom, os professo-  
res promoviam o espetáculo com o fantoche.  
E eles, já foram dispensados, não são mais fun-  
cionários. E eles estavam criando mesmo. En-  
tão agora vão ter de trabalhar em banco, que to-  
dos detestam trabalhar em banco...prá poderem  
sobreviver.

MOOO — Em termos de texto, de autor, o  
que vocês estão procurando, a peça que você  
citou antes, de quem é?

CJ — Ela é do Alvaro Pereira. Esse  
texto que nós vamos montar, agora, chama-  
se A Sapateirinha, mas nós fizemos ano passado  
textos do Pernambuco de Oliveira, ano passa-  
do com a Maria Clara Machado, dois anos a  
Maria Clara Machado. O texto do Alvaro é mul-  
to bom, premiado. Inclusive, onde uma meni-  
na através do sonho, cria uma série de imagina-  
ção, cria uma série de personagens, onde um  
autor só desenvolve. São onze personagens, de-  
senvolvidos por três autores.

MOOO — E em termos de autor catarinen-  
se, tem algum trabalho que possa ser desen-  
volvido.

CJ — Eu tenho aqui alguns textos do Nilson  
Mello. Já procurei a Matú, de Florianópolis,  
mas eu não consegui falar com ela. Eu gostari-  
a de para o ano que vem montar um teatro  
infantil, em cima do boi-de-mamão. Só que eu  
sou diretor de teatro e, ator, e, não consigo es-  
crever. Então eu quero ver se converso com al-  
guém que esteja disposto a escrever um texto  
infantil, em cima do boi-de-mamão, porque seria  
um trabalho muito bom.

MOOO — Jardim, do teu currículo, o que é  
para dizer?

Põe aí: 15 anos de experiência como ator  
e diretor. Não tenho curso na PUC ou FUC...  
só faço teatro. Duzentas a trezentas apresen-  
tações por ano.



# FINASC

**Samando recursos para multiplicar benefícios**

**CARTA ABERTA**

"UM BLÁ... BLÁ... BLÁ..."

PARA UM AMIGO"

Dou-te caro amigo, daqui, um recado pelas coisas surpreendentes e que fazem pasmar os mais incrédulos, num sinónimo de incompetência e falta de imaginação de certas pessoas quando se trata de buscar as soluções nos preceitos da administração de hoje.

Valho-me, ilustre companheiro, desta antiquada arte da escrita para dar-te, como outrora sabiamente alguém escreveu, "Uma Mensagem a Garcia". Crala-me que a par da carência de estilo, quero dizer-te que haverás de perceber, pois sei da tua sensibilidade, o quanto padecemos diante da ignominiosa estupidez dos que não sabem redigir um bilhete e muito menos uma carta para um amigo.

Estamos em crise de petróleo, é verdade, mas não apenas, de competência também, de sensibilidade, de arte, de tudo que, como um tumor maligno, a comunicação destrói e faz ruir espantosamente por mais inexpugnável que seja a fortaleza administrativa. Como homem de empresa há de concordar com a carência, pois quantos são os que na frágil hierarquia das organizações empresariais expressam compreensivelmente por escrito, o que pensam e o que sabem? "Eu sei...mas não consigo escrever"...certamente dir-te-ão. E nesta avalanche de pretensos doutos, te enganam a ponto de confiarem neles o desempenho dos cargos de maior importância em tua empresa.

Eles não sabem, possuem as mentes entorpecidas em nebulosos bioqueios para as formas criativas e somente aceitam ver as coisas novas por um retrovisor, isto é, comparado com o que já viram. Sempre terás que expedir ordens que eles farão cumprir "a risca", como um robô programado e julgam ainda que estás satisfeito com a eficiência deles. São uns bonecos sanguessugas que não escrevem nada porque não sabem e o que é pior e muito mais deprimente, eles pensam que não precisam saber.

O consolo que podes ter, contudo, quando eles se achegam como que descomprometidos a esconder a cabeça igual avestruz, sem cobrir o descaramento da incapacidade, mansa e despretenciosamente, pedem que você faça um blá...blá...blá que outra coisa não é senão, encontrar de fato a solução para o problema.

Mas, sendo paciente como também o és, aguardo que dias melhores apareçam, quando despertarem nesse país gigante, com a queda dos mitos que colocou no pedestal as mentes ocas de idéias realizadoras, para a glória dos que do nada fazem alguma coisa.

do teu amigo

O.J. FERREIRA



**RECADO**

Wilson do Nascimento

**CASO PLÉTICOS**

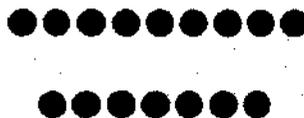
No dia 31 de maio Sônia Regina Jendiroba, secretária de Turismo, Esporte e Cultura de Joinville, fez um comunicado oficial (escrito) à imprensa catarinense esclarecendo seu posicionamento junto ao polémico caso envolvendo o artista Sílvio Pléticos (sua ida a Joinville, como didata), e os insurretos artistas plásticos da Cidade dos Príncipes. Ao tomar conhecimento do referido comunicado através do Jornal de Santa Catarina do dia 1º de junho, pasmei com algumas declarações da simpática e bonita secretária. Por não concordar com seus enunciados artísticos encaminhei, no mesmo dia, ao JSC, uma carta onde colocava-me em defesa dos artistas joinvilenses.

Publicada na seção "Do Leitor", no dia 2 de junho, vai aqui reproduzido, integralmente, seu texto:

"Sempre atento aos fenômenos artísticos catarinenses, também venho acompanhando o movimento envolvendo membros da assessoria cultural-administrativa da Prefeitura de Joinville e os artistas plásticos daquela cidade. Para analisar qualquer fenômeno ou movimento artístico, seja qual for sua natureza, parto da premissa de que o artista sempre é dono da razão e da verdade. Entretanto, quando o artista está equivocado, confuso, mal informado, etc., é preciso saber como e qual linguagem dialogal usar. Acho que não basta apenas boa formação intelectual, ou mesmo erudita, para um perfeito relacionamento artista-administração, seja ela, a relação, pública ou não. Com a larga experiência que tenho nesta área, só na Universidade de Blumenau sete anos, descobri, ou melhor, constatai que em face da extraordinária sensibilidade que envolve e protege o artista, apenas bom desempenho administrativo não é suficiente. Diplomacia, habilidade, e igualmente, e sobretudo muita sensibilidade, são requisitos indispensáveis ao bom relacionamento.

É preciso saber compreender e

entender o artista. Não é dizendo que "nenhum artista de Joinville é formado", "que são artistas de fato e não de direito" (?), "que o assunto é puramente administra-



"NILSON DELAI, um dos líderes plásticos da manchester catarinense."

tivo e que só diz respeito a nós" (JSC de 1º/6/79, pág. 15), que haverá bom entrosamento. Ora, se o povo, em geral com pouca ou baixa formação, é ouvido e auscultado, por que não seria ouvido o artista, o qual, mais que outro qualquer, sente, acompanha, vive e representa este próprio povo e o seu e o nosso universo?

Não sou contra a ida do amigo Pléticos a Joinville. Os artistas também não são. Mas para que isso aconteça ninguém precisará sair prejudicado".

No dia 22 de junho, à página 4, o JSC publicava uma nota oficial à imprensa, de responsabilidade da comissão designada para representar o "Grupo de Artistas Joinvilenses". Formavam a comissão os artistas plásticos Helena Montenegro, Nilson Delai, Índio Negreiros e Moacir Moreira (Moa). Para minha satisfação o grupo de artistas solicitava que fosse republicado, juntamente com sua nota oficial, o texto de minha carta de apoio intitulada "Posição Artística".

Depois disso um sepulcral silêncio. Todos aguardavam a volta do prefeito Luís Henrique que se encontrava na Alemanha. Com o retorno do Prefeito novamente o "caso Pléticos" emergiu. Entretanto, desde seu regresso, e até o dia 17 de julho, Luís Henrique não havia emitido nenhum parecer que pusesse termo ao "caso", ou seja, a contratação ou não do artista iugoslavo-catarinense Sílvio Pléticos. Mas no dia 18 de julho surpreendendo a todos, a secretária Sônia Regina Jendiroba colocou seu cargo à disposição. "Fiel à doutrina do Movimento Democrático Brasileiro", disse Sônia Jendiroba em nota distribuída à imprensa "mormente aquela ligada às reivindicações populares, no tangente à elevação do nível cultural, venho colocar o meu cargo de secretária de Cultura, Esporte e Turismo da Prefeitura de Joinville, à disposição de vossa excelência, motivada pelos fatos acima apresentados."

Incontinenti o prefeito Luís Henrique, no dia 19, exonerou a secretária de Cultura. E a exoneração não se restringiu somente à secretária Sônia Jendiroba. Também foram demitidos seus dois auxiliares diretos. Alcides Buss (poeta de renome nacional) diretor da Casa da Cultura, e Edson Machado (desenhista premiado na PANARTE 79) diretor do Museu de Arte, também foram destituídos.

De tudo resta agora, parada no ar, dispensando-se o dito e o interdito, as antinomias e as afinidades, a seguinte pergunta: e o Pléticos vai ou não a Joinville?

Será que já foi convidado oficialmente? Para o poeta e crítico de arte Osmar Pisani, Pléticos disse que não. Com a palavra o grande artista e professor Sílvio Pléticos.

**CREFISUL S.A.**

FINANCIAMENTOS  
CAMINHÕES E AUTOMÓVEIS  
NOVOS E USADOS  
CAPITAL DE GIRO  
CRÉDITO PESSOAL  
LETRAS DE CÂMBIO - DL157

Rua XV de Novembro, 1336  
Edifício Brasília - Torre - S/7  
Fone: 22-5660  
BLUMENAU



FUNDADO EM  
1847

FUNDADO EM  
1847

Registro de Firmas e Sociedade -  
Contabilidade - Declarações de  
Renda - Assistência Contábil e

Fiscal - Correção Monetária do  
Ativo Imobilizado - Consultas  
Correspondência (incl. alemã)

RUA XV DE NOVEMBRO, 550 - 14º ANDAR - CP. 259  
ED. CATARINENSE - FONE: 22-1827 - BLUMENAU-SC

# IV FESTIVAL UNIVERSITÁRIO DA CANÇÃO - A PROMOÇÃO MAIOR

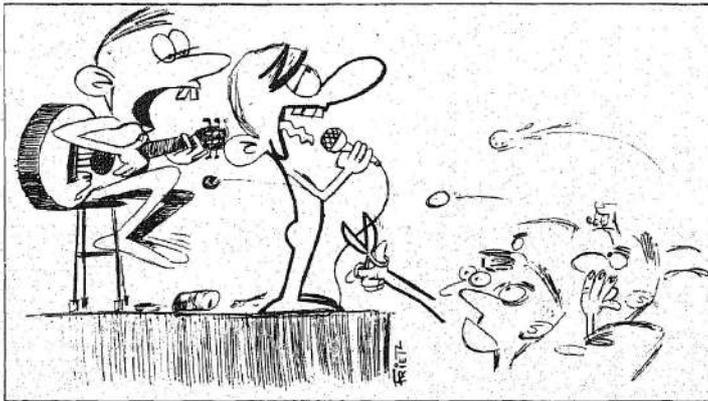
## LUÍS CARLOS PABST



Presidente da comissão de Segurança.  
 Com relação à segurança do IV Festival Universitário da Canção, ela será efetuada principalmente por universitários e outras pessoas que se dispõem a colaborar, juntamente com elementos da Polícia Civil e Polícia Militar, dentro de um esquema já efetuado em anos anteriores ou seja, obedecendo um critério preventivo e não repressivo. Os universitários que desejam prestar sua colaboração com a Comissão de Segurança, podem entrar em contato com o Secretária-Executivo.

## ARTHUR ALEXANDRE

Haverá venda de ingressos dias antes do Festival nas Indústrias e Colégios locais. O esquema de Bilheteria será baseado no do ano passado. Funcionará três bilheterias para conter o afluxo dos compradores de ingressos, funcionará também, duas catracas para melhor controlar o número de espectadores. Teremos uma Comissão de Recepção (duas moças) para conduzir os Jurados e Convidados.



## ANANIAS VIEIRA FILHO



Presidente da comissão organizadora do IV FUC - O trabalho desmedido pelos Presidentes de Comissões tem sido feito sem críticas, todos se empenhando ao máximo cada um em sua área. Esperamos agora, total apoio dos órgãos de comunicação.  
 Toda a infra-estrutura está montada e o que compete ao DCE, estamos muito bem.

A polêmica em torno de Direitos Autorais - houve um mal entendido - a Organização do IV FUC ambiciona produzir um disco e por isso, incluiu aquela cláusula sobre os direitos autorais, que vale para esse ano de 1979, porém, a gravação está condicionada à receita do Festival.

Agora, estamos aguardando uma audiência com o Ministro da Educação, Eduardo Portela para conseguir alguma verba para facilitar com isso - o alcance de nossos objetivos.

## PEDRO PAULO CLAUDINO



PRESIDENTE DA COMISSÃO DE ALOJAMENTOS.

O Alojamento oficial do IV FUC - Festival Universitário da Canção, será a CME de Blumenau.

Se houver necessidade de mais vagas, estamos em contato com o Quartel e Corpo de Bombeiros.

Os alojamentos serão totalmente gratuitos para os universitários inscritos.

Quanto à alimentação, será por conta dos próprios estudantes, com alguns estudos para que os preços sejam reduzidos em diversos restaurantes (já realizados) e, inclusive a própria Cantina - Restaurante Universitário - do Diretório Central dos Estudantes.

Haverá um ônibus à disposição para o transporte de estudantes da Proeb para a FURB e vice-versa.



A COMISSÃO ORGANIZADORA (DA ESQUERDA PARA A DIREITA) JOSÉ LUIZ DIAS DE SOUZA, ROBERTO DINIZ SAUT, ANANIAS VIEIRA FILHO, DIANARI MARQUES, OLDEMAR OLSEN JR., LUÍS CARLOS PABST, MARIA ODÉTEO, OLSEN, PEDRO PAULO CLAUDINO.

## ROBERTO DINIZ SAUT



PRESIDENTE DA COMISSÃO DE INSTALAÇÃO

A Comissão de Instalação reveste-se de uma responsabilidade, também fundamental, pelo simples fato de ter como missão precípua o sistema do Som, que neste ano pretende alcançar, praticamente, 100% de perfeição.

Não se pode conceber um Festival onde se perceba dificuldades por parte do público em acompanhar palavra por palavra dos universitários, interpretes. Não concebemos problemas de acústica reverberação e outros. Daí, porque neste ano, através do Sistema de Som Cassiano, com a presença de um Técnico da Giannini, garantiremos novidades em termos de aprimoramento do Som.

O palco será modificado para conforto dos universitários. FESTIVAL, UNIVERSITARIO DA CANÇÃO É UMA REALIDADE, ATE LA!

## DIANARI MARQUES

Presidente da comissão de inscrição e recepção.

O prazo das inscrições foi prorrogado até o dia 19 de agosto até as 18:00 horas.

Cerca de 40 Canções já inscritas. Um melhor nível em relação aos Festivais Anteriores.

Disponhas de informações e melhor esclarecimentos no DCE - Diretório Central dos Estudantes de Blumenau, anexo à FURB.



### Supermercado de Perfumarias

1º SUPERMERCADO DE ARTIGOS DE PERFUMARIA DO SUL DO PAÍS

PREÇOS DE ATACADO

2.000 Artigos de Higiene e Toucador, à sua livre escolha.

Sala de Beleza.

Artigos e Móveis para Cabeleireiros.

LOJA 1  
 R. Nereu Ramos, 44  
 Fone: 22-0068  
 BLUMENAU SC

LOJA 2  
 R. Hercílio Luz, 49  
 Fone: 44-2122  
 ITAJAI SC



## BUERGER

OS LANÇAMENTOS DA MODA PARA ESTE INVERNO VOCÊ ENCONTRA AOS MELHORES PREÇOS

3 LOJAS NA RUA XV E 1 NO BAIRRO GARCIA





# PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

**PERSPECTIVA UNIVERSITÁRIA** - Revista que divulga assuntos de interesse universitário. Rua México, 119 - 12.º andar - 20.017 - Rio de Janeiro - RJ

**SUOR e LÁTEGO** - Revista contendo informações e poemas. Editada pela Empresa Jornalística Tupiniquim - Rua José Boiteux, 35-F - 88.000 - Florianópolis - SC - diretor - Cirineu M. Cardoso

**QUASE!** - Publicação marginal/coletiva de arte postal - o endereço para correspondência é: Hélio Lete - CP 737 - Campinas - São Paulo - diretor Hélio Lete.

**DIÁRIO** - Jornal de informação - Rua Olímpio de Miranda Jr., 237 - Itajaí - SC - Diretor - Dalmo Vieira

**JORNAL TRIBUNA DE BRUSQUE** - Jornal de Debate - Rua Herólio Luz, 253 - CP 172 - Brusque - SC - Diretor - Ariberto Ristow

**BLUMENAU HOJE** - Jornal de informação e Debate sobre Blumenau - Diretores - Geraldo Luz e Gervásio Luz - Rua Angelo Dias, 57 - Caixa Postal 1360 - 89.100 - Blumenau - SC.

**GAZETA DO VALE** - Semanário de informação da cidade de Gaspar - Diretor Silvio Rangel - Correspondência para a Rua Cel. Aristiliano Ramos, 204 - CP 52 - 89.110 - Gaspar - SC.

**FOLHETIM** - Suplemento da Folha de São Paulo - Jornal de Cultura e Informação - Diretor Boris Cascoy - Folha de São Paulo - Alameda Barão de Limeira, 425 - 01.202 - São Paulo - Capital.

**ANÁLISE** - Órgão de Divulgação do Diretório Central dos Estudantes da Universidade Mackenzie - Diretor Thereza Christina Rocque da Matta - Rua Maria Antonia, 403 - DCE - 01.222 - São Paulo - Capital.

**POESIA LIVRE** - Publicação literária - Caixa Postal 296 - Ouro Preto - MG

**REVISTA I** - Revista literária - Rua Cristina, 1300 - 30.000 - Belo Horizonte - MG.

**Valléentão** - Uma publicação do Instituto Vallée S.A. - Diretor - Hélio Lima CP 473 - Uberlândia - MG

**ACIUB EM REVISTA** - Órgão oficial da Associação Comercial e Industrial de Uberlândia - Diretor Osmar Garrido - Rua Rod. da Cunha, 490 - Uberlândia - MG

**VERDADE** - Revista de poesias e informações - Diretor Antônio Carlos - Rua Emídio Quitês, 139 - Itabirito - MG

**JORNAL DE LETRAS** - Publicação cultural de letras - Diretor Elysis Conde - Correspondente para o estado de Sta. Catarina Oldemar Olsen Jr. - Endereço Rua Barata Ribeiro, 774 - Ed. Raimundo Corrêa - 10.º andar - sala 1001 - 20.000 - Rio de Janeiro - RJ

**CEMFLORES** - Uma revista cultural do Diretório Central dos Estudantes de Minas Gerais - Rua Guadalupe, 694 - 30.000 - Belo Horizonte - MG

**LABUTA** - Periódico mensal de opinião - Rua Saldanha Marinho, 1097 - CP 114 - 14.400 - Franca - São Paulo

**BOLETIM** - Editora Comunicação - Rua Tenente Vitorino, 236 - Sta. Tereza - Belo Horizonte - MG

**NPK** - Periódico de informações - diretor Joaquim Moreira Filho - Órgão de divulgação do Diretório Acadêmico Dr. Lucio Dias Vieira - Machado - MG

**ORÁCULO** - Órgão de Divulgação do Diretório Acadêmico Abrahão de Moraes - Universidade Mackenzie - Diretor Maria Ligia C. Mathias - Rua Maria Antonia, 403 - 01.222 - Universidade Mackenzie - São Paulo.

**ITAJAÍ** - Jornal de Cultura - Diretor Adilson Pacheco - Rua Aurora Tabalipa, 170 - São João - Itajaí - Sta. Catarina 88.300

**TROTE** - Literatura - publicação independente do Grupo H4 Gente - Caixa Postal 50 - 56.100 - Saigüeiro - Pernambuco - Diretor Carlos Araújo.

**DECRETO-LEI** - poemas - Cirineu M. Cardoso - Rua José Bouteux, 35-F - Florianópolis - Sta. Catarina - 88.000.

**NOSSO JORNAL** - Órgão da Associação dos Economistas Federais de Minas Gerais - Diretor Marcos Mendra - Caixa Postal 2229 - Belo Horizonte - MG - 30.000

**CONTESTADO** - Jornal Mensal de Opinião da comunidade Caçadorenses - Diretor Nilson Thomé e Guerino Beber.

**BASTIDORES** - Jornal de informação política catarinense - Diretor Paulo Jacques - Rua XV de Novembro, 1336 - Ed. Brasília - 10.º andar - sala 101 - 89.100 - Blumenau - SC

**CORDÃO** - Revista Literária - Caixa Postal 660 - Joinville - SC - 89.200

**SUPLEMENTO DA TRIBUNA DA IMPRENSA** - Veículo de Cultura do Jornal a Tribuna da Imprensa do Rio de Janeiro - Diretor - Paulo Branco - Rua do Lavradio, 98 - Rio de Janeiro - RJ - 20.000

# Iº CONCURSO NACIONAL DE POESIA DA FUNDAÇÃO CASA DO ESTUDANTE DO BRASIL

A FUNDAÇÃO CASA DO ESTUDANTE DO BRASIL e o BANCO DO ESTADO DE MINAS GERAIS S/A, em comemoração ao 50.º aniversário da FUNDAÇÃO C.E.B. e visando o desenvolvimento cultural e artístico dos estudantes do País, promovem o 1.º CONCURSO NACIONAL DE POESIA.

### REGULAMENTO

- Os concorrentes deverão ser comprovadamente, estudantes do 2.º grau, universitários ou matriculados em Cursos de Pós-Graduação, independente de nacionalidade, desde que residentes no Brasil e enviem seus trabalhos em idioma português.
- Os concorrentes devem apresentar originais de até uma lauda tamanho ofício datilografado em espaço dois, contendo, no máximo, os poemas, vinte versos.
- Os originais devem trazer apenas o pseudônimo do concorrente e serem acompanhadas de envelope fechado contendo nome completo, telefone

e xerox da carteira de estudante do concorrente referente ao ano de 1979.

4. Os trabalhos deverão ser enviados pelo Correio para a FUNDAÇÃO CASA DO ESTUDANTE DO BRASIL - Praça Anna Amelia, 09, 8.º andar - Secretária - Rio de Janeiro - RJ, ZC-39, até o dia 15 de agosto de 1979, valendo para o cômputo do prazo a data do carimbo do recebimento.

5. A Comissão Julgadora, que será integrada por poetas convidados pela FUNDAÇÃO CASA DO ESTUDANTE DO BRASIL e por um representante desta Diretoria, deverá apresentar os resultados até o dia 31 de setembro de 1979. Sua decisão será irrecorrível.

6. Serão conferidos os seguintes prêmios:

- 1.º LUGAR - Prêmio ANNA AMELIA (medalha de ouro e Cr\$ 25.000,00);
- 2.º LUGAR - Prêmio RAUL DE LEONI (medalha de prata e Cr\$ 15.000,00);
- 3.º LUGAR - Prêmio ALPHONSUS DE GUIMARÃES (medalha de bronze e Cr\$ 10.000,00);

4.º LUGAR - Prêmio ZALKIND PIATIGORSKY (medalha de bronze e Cr\$ 5.000,00).

7. Poderão ser conferidos, ainda, menções honrosas, a critério da Comissão Julgadora.

8. A entrega dos prêmios será realizada em ato público pela FUNDAÇÃO C.E.B. em dia e local previamente comunicados pela imprensa.

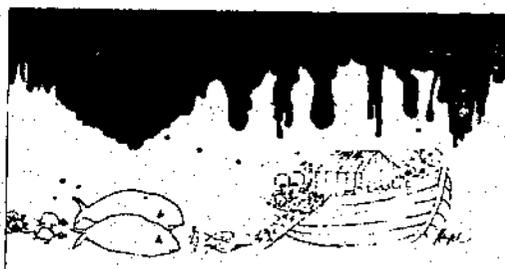
9. As poesias premiadas serão divulgadas pela FUNDAÇÃO C.E.B. quer em revista ou livro editados pela mesma, ou pela imprensa, a seu exclusivo critério.

10. Os trabalhos enviados não serão devolvidos e a participação neste concurso implica na aceitação plena deste Regulamento.

11. Os casos omissos serão resolvidos pela Comissão Julgadora cuja decisão é soberana fazendo sempre preservar as normas e princípios estabelecidos pelos Estatutos da FUNDAÇÃO CASA DO ESTUDANTE DO BRASIL.

# CARTOON - O HUMOR E A ECOLOGIA EXPOSTOS NA FURB

A promoção é do Dpto. de Cultura de Blumenau, através de seu diretor Guido Heuer e do Diretório Acadêmico Frei Fulgêncio da Faculdade de Filosofia de Blumenau e terá lugar no Hall de entrada da FURB - 13 a 17 de agosto.



A Aliança Francesa de Florianópolis está apresentando uma exposição de desenhos humorísticos, sob o tema que é a tônica da realidade: "Poluição e Ecologia".

A exposição, que tem início às 20h30min, será realizada na sede da Aliança Francesa, à Rua Araújo Figueiredo, 22, na Capital, prosseguindo até o próximo dia 6 de abril.

Entre os 43 expositores de trabalhos humorísticos enfocando a ecologia, estão Alain, Edson, Nani, Mollica, Jo de Oliveira, Hércules, Caruso, Jaguar, Watson, L.F. Veríssimo, Ziraldo, Zé, Sibora, Henfil e Juska.

### A CARICATURA DA POLUIÇÃO

"A caricatura não é arte menor e desprezível. Quase um "graffiti" assinado, deveria estar em lugar, conspicuo nos lares e repartições, como aqueles bobos que os reais colocavam atrás de si para puxá-los pelo gibão e recomendar-lhes sempre que se lembrassem de que também são homens". A opinião é do escritor Guilherme Figueiredo, irmão do novo presidente, general João Baptista Figueiredo,



num comentário crítico a respeito desse tipo de arte, distribuído pela Aliança Francesa.

Continuando, Figueiredo afirma que a caricatura "é uma arte secreta a serviço da liberdade, no dizer de Herman Lima".

E acrescenta: "É como a usamos. Ai está um exemplo, essa exposição que a Aliança Francesa recolheu, prova escrita sob uma matéria dada justamente à poluição, que inspirou o desenho de Millor com galas de gabinete diretorial. Seus autores possuem em comum o riso tornado didático — o terrível riso devastador, única poluição sadia mas ainda utópica. Arte que só pode ser exercida por democratas, reúne, no Brasil de hoje, um bom punhado de maliciosos de traço rápido e certo. Suas penas de flechas, suas tintas são o curare, e seus alvos têm a propriedade de não morrer. Apenas ficam nus. Mas de uma nudez flagrante, insuportável, imperdoável. E, debaixo do apuro e da vergonha, tratam de ser diferentes do que eram, tratam de fugir à caricatura. Se o conseguem, bravo! — ganhou a pátria, ganhou a humanidade; se não o conseguem, ganhamos pelo menos o riso".

A exposição termina no próximo dia 6 de abril.



# LIVRARIA ACADÊMICA

AGORA MAIS PERTO DE VOCE

Rua Antônio da Veiga (Perto da FURB) Em novas e modernas instalações.

Blumenau

VISITE-NOS

Santa Catarina